



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS**

**O INSTITUTO DA SEGREGAÇÃO: REALIDADE SOCIOESPACIAL
ENTRE OS BAIRROS DE MANAÍRA E SÃO JOSÉ NO MUNICÍPIO DE
JOÃO PESSOA-PB**

Renan Cavalcanti Costa

João Pessoa – PB
Junho de 2021

Renan Cavalcanti Costa

**O INSTITUTO DA SEGREGAÇÃO: REALIDADE SOCIOESPACIAL
ENTRE OS BAIRROS DE MANAÍRA E SÃO JOSÉ NO MUNICÍPIO DE
JOÃO PESSOA-PB**

Artigo apresentado à Coordenação do
Curso de Geografia da Universidade
Federal da Paraíba, para obtenção do grau
de Bacharel em Geografia.

**Orientador: Prof. Dr. Sergio Fernandes
Alonso**

João Pessoa – PB
Junho de 2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C838i Costa, Renan Cavalcanti.

O instituto da segregação : realidade socioespacial entre os bairros de Manaíra e São José no município de João Pessoa-PB / Renan Cavalcanti Costa. - João Pessoa, 2021.

18 f. : il.

Orientação: Sergio Alonso Fernandes.

TCC - Modalidade Artigo (Graduação/Bacharelado em Geografia) - UFPB/CCEN.

1. Segregação espacial. 2. Geografia social. 3. Violência urbana. 4. Desigualdade social. 5. Limites e fronteiras. I. Fernandes, Sergio Alonso. II. Título.

UFPB/CCEN

CDU 911.3:30(043.2)



ANEXO 4

UNIVERSIDADE FEDERAL DA
PARAIBA CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA
NATUREZA COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE
GEOGRAFIA

Resolução N.04/2016/CCG/CCEN/UFPB

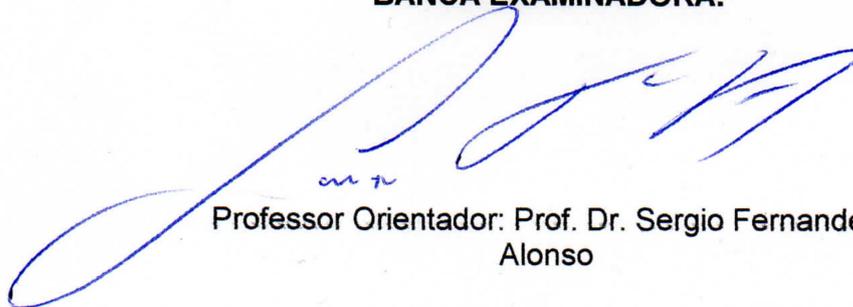
PARECER DO TCC

Tendo em vista que o aluno (a) **RENAN CAVALCANTI COSTA**
() cumpriu () não cumpriu os itens da avaliação do TCC previstos no artigo
25º da Resolução N. 04/2016/CCG/CCEN/UFPB somos de parecer ()
favorável () desfavorável à aprovação do TCC intitulado: **O INSTITUTO DA
SEGREGAÇÃO: REALIDADE SOCIOESPACIAL ENTRE OS BAIROS DE
MANAÍRA E SÃO JOSÉ, NO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA-PB.**

Nota final obtida: **9,0**

João Pessoa, 20 de julho de 2021.

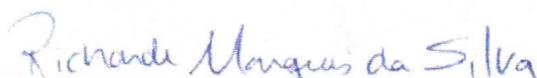
BANCA EXAMINADORA:



Professor Orientador: Prof. Dr. Sergio Fernandes
Alonso



Membro Interno: Prof. Dr. Sinval Almeida Passos



Membro Interno: Prof. Dr. Richarde Marques da Silva

O INSTITUTO DA SEGREGAÇÃO: REALIDADE SOCIOESPACIAL ENTRE OS BAIRROS DE MANAÍRA E SÃO JOSÉ NO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA-PB

Resumo

Discute-se aqui a desigualdade socioespacial a partir de um recorte territorial. Na análise privilegia-se o contato entre moradores de dois bairros de João Pessoa, capital da Paraíba, ligados geograficamente, embora distantes socialmente: Manaíra, bairro considerado nobre, ocupado majoritariamente por classes médias e altas; São José, bairro ocupado por fragmentos das camadas populares. Parte-se do pressuposto de que as relações entre os moradores dos bairros se determinam por uma apreensão constante, ora manifesta, ora latente, a qual pode ser apresentada como uma relação outsiders (sujeitos, tanto de um bairro como o de outro, que não se sintam pertencentes a um e a outro respectivamente). Em direção convergente, diz respeito também a uma vertente assimétrica, que se dá pela segregação a que foram e estão expostos os moradores do bairro dos pobres. Logo, este artigo procura desvendar a relação entre os habitantes dos dois bairros, buscando descrever o que chamamos de choque de realidades opostas, sendo ela concreta e manifestada espacialmente como momento de comunicação, podendo esta ser de forma visual, ou seja, diz respeito a infraestrutura, ao mundo material, frente a frente dada entre os agentes, realçando as representações e simbolismos que atestam os sentimentos existentes na relação. Diz respeito, para além das coisas materiais, da infraestrutura existente, de um sentimento de superioridade/inferioridade que se apossa nos moradores como elemento imprescindível da configuração de um lugar e seus limites.

Palavras-Chave: Segregação Espacial, Geografia Social, Violência Urbana, Desigualdade Social, Limites e Fronteiras.

THE INSTITUTE OF SEGREGATION: SOCIO-SPACE REALITY BETWEEN MANAÍRA AND SÃO JOSÉ NEIGHBORHOODS IN THE MUNICIPALITY OF JOÃO PESSOA-PB

Abstract

We debate socio-spatial inequality from a territorial perspective. The focus was on the contact between residents of two neighborhoods in João Pessoa, capital of Paraíba, geographically linked, although socially distant: Manaíra, a neighborhood considered a noble area, mostly occupied by middle and upper classes; São José, by fragments of the popular classes. It assumes that the relationships between neighborhood residents are determined by a constant apprehension, sometimes manifest, sometimes latent, which can be presented as an outsiders relationship (subjects, both in one neighborhood and in another, who do not feel belonging to one and the other respectively). In a convergent direction, it also concerns an asymmetrical aspect, which occurs due to the segregation to which the inhabitants of the neighborhood of the poor were and are exposed. This article then applies to the relationship between the inhabitants of the two neighborhoods, seeking to describe what we call the clash of opposing realities, which is concrete and spatially manifested as a moment of communication, which can be in a visual way, that is, it concerns the infrastructure, the material world, face to face between the agents, highlighting the representations and symbolisms that attest to the feelings existing in the relationship. It concerns, in addition to material things, the existing infrastructure, a feeling of superiority/inferiority that takes possession of residents as an essential element in the configuration of a place and its limits.

Key words: Spatial Segregation, Social Geography, Urban Violence, Social inequality, Borders and boundaries.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a divisão socioespacial das cidades é latente e reveladora da fragmentação plena entre pobres e ricos no que diz respeito ao lugar de habitação. A presença das

comunidades, de um lado, e dos “enclaves fortificados” de outro, são exemplos de recortes espaciais diferenciados espacialmente cuja raiz está na segregação espacial. A coexistência entre moradores de bairros de pobres e bairros de ricos vivendo paralelamente é uma realidade cujo exemplo pode-se tomar entre bairros nobres e as “favelas” do Rio de Janeiro (CALDEIRA 2011).

Em relação a Segregação Socioespacial, de acordo com o filósofo Henri Lefebvre (apud VIEIRA, 2005), a forma de organização do espaço em geral e do espaço urbano em particular na sociedade capitalista, nada mais é do que uma forma de organização e de produção social, a qual congrega três condicionantes básicos: a) o espaço urbano como uma mercadoria; b) acesso diferenciado ao espaço urbano entre as diferentes classes sociais; c) apropriação subjetiva e ideológica do espaço.

Com isso, para Lefebvre, o espaço urbano seria, simultaneamente, um reflexo da sociedade, bem como seu condicionante. Assim, para este mesmo autor, a segregação urbana seria um fenômeno social e espacial, e, ao analisá-lo ou estudá-lo, deve-se levar em consideração três dimensões básicas: 1) a repercussão cultural da composição de espaços homogêneos socioeconômicos; 2) a valorização ou desvalorização dos lugares e dos indivíduos ou grupos; 3) os problemas de sociabilidade, ou seja, a possibilidade ou a impossibilidade de encontro/contato entre os diferentes (VIEIRA, 2005).

Lefebvre afirma também que a segregação destrói morfologicamente a cidade, que as práticas e as tendências segregacionais são ideológicas, que não são resultantes do acaso nem de conjunturas locais e que:

[...] a segregação deve ser focalizada em seus três aspectos, ora simultâneos, ora sucessivos: espontâneo (proveniente das rendas e das ideologias) – voluntário (estabelecendo espaços separados) – programado (sob pretexto de arrumação e de plano). (LEFEBVRE, 1991, p. 94).

Lefebvre (2002, p. 124), nos afirma ainda que:

A separação e a segregação rompem a relação. Constituem, por si só, uma ordem totalitária, que tem por objetivo estratégico quebrar a totalidade concreta, espedaçar o urbano. A segregação complica e destrói a complexidade.

Já para Jean Lojkine, a forma de organização do espaço urbano sob o modo de produção capitalista, aparece como resultado da organização/divisão social. Para este autor, seria a organização espacial urbana um resultado da forma desenvolvida da divisão social do trabalho com um papel determinante e fundamental do Estado, que, para ele, seria apropriado pela classe dominante e que a ela serviria e representaria na defesa e realização de seus interesses, em detrimento da sociedade em geral. Nessa linha de raciocínio, sobre a segregação socioespacial (LOJKINE, 1997, p. 42).

Lojkine aponta ainda o seguinte:

[...] podemos [...] formular a hipótese de uma segregação espacial e social entre o espaço urbano “central” monopolizado pelas atividades de direção dos grandes grupos capitalistas e do Estado e as zonas periféricas onde estão disseminadas as atividades de execução assim como dos meios de reprodução empobrecidos, mutilados, da força de trabalho. (LOJKINE, 1997; p. 171 – 172)

Considerando bases teóricas e realidades vivenciadas, este artigo aborda sobre o instituto da segregação: realidade socioespacial entre os bairros de Manaíra e São José, no município de João Pessoa-PB. O objetivo deste artigo é o de analisar e compreender este instituto da segregação tomando por essência as origens de ambos os bairros, além de ressaltar como ocorreu a ocupação dos mesmos e as reminiscências de suas formações iniciadas a partir da década de 1970.

Abordamos acerca dos motivos que com o passar do tempo, gerou um grande abismo social entre os dois bairros, levando o bairro de Manaíra a um patamar elevado, com ótima qualidade de vida para seus moradores, desenvolvimento social diferenciado, devido as transformações, modificações positivas para com esse local, ao passo que o bairro São José foi abandonado, lesado pelos gestores públicos durante toda a sua formação.

O certo é que no início da formação dos dois bairros não havia muita diferença entre eles; a distância entre os dois era somente da condição social dos seus habitantes e do lado que ocuparam no Rio Jaguaribe, um lugar com infraestrutura precária, condizente com um modelo de segregação aceito, assumido e não questionado pela sociedade.

Revela-se, também, a questão da coexistência dos lugares, a partir do momento que os moradores do bairro São José sempre se deslocaram até o bairro de Manaíra em busca de opções como saúde, educação, lazer, trabalho (emprego) entre outras, uma vez que o local onde residem não lhes oferece esses recursos. A relação de interdependência entre eles no quesito “serviços” é explicada de forma mais detalhada à frente.

Uma questão importante destacada nesta pesquisa diz respeito à percepção da violência enquanto gênese no bairro São José. A violência enquanto rótulo está quase sempre predisposta aos habitantes dos demais bairros de João Pessoa, principalmente do bairro Manaíra, que por não conhecerem a essência do bairro São José, nem terem o interesse em pesquisar sobre esse local, acabam tirando conclusões precipitadas a respeito do próprio, ocorrendo então, preconceitos em relação as pessoas dessa comunidade.

Outro ponto fundamental analisado diz respeito aos riscos ambientais evidenciados no bairro São José, principalmente por causa da sua localização, cuja conformação territorial se dá numa faixa estreita entre o leito do rio Jaguaribe e a barreira (falésia morta). Nesse lugar, a ação das chuvas, faz com que ocorra vários problemas agravantes, em razão de não haver drenagem e péssima estrutura de saneamento básico. Aliás, foi por conta dessa inexistente infraestrutura, protagonista de tragédias com perdas de vida, que ocorreu em 2015 a aprovação do Projeto de Revitalização do bairro São José, concretizado em 2018.

Assim, inserido no cenário exposto acima, e tendo como norte a análise da segregação socioespacial dessa unidade territorial, a metodologia utilizada tem como base e enfoque fundamental a produção de um lugar cujas relações determinantes advêm do instituto da segregação.

Nesse sentido foram colocados cinco planos de trabalho: o primeiro trata de uma pesquisa do tipo exploratória no que diz respeito a convivência entre os residentes dos bairros de Manaíra e São José, buscando captar as imagens de si e do outro que os dois lados demonstram identificando os tipos e causas de segregação; o segundo, a etnografia de escolas públicas em Manaíra que recebem preferencialmente alunos do São José; em terceiro, a utilização dos espaços de lazer e urbanidade situados em Manaíra por habitantes do São José;

no quarto plano, a coabitação no sentido amplo nos espaços religiosos de ambos os bairros, e em quinto, o projeto da Prefeitura de João Pessoa de remanejamento de residentes de áreas de risco do São José para unidades habitacionais construídas em Manaíra.

Para a execução dos planos foi essencial frequentar os dois bairros, procurar informações em órgãos através das redes sociais e midiáticos, por exemplo, televisão, jornais, internet, institutos oficiais (IBGE, IDEME, Prefeitura de João Pessoa), delegacias, escolas, igrejas, praças, além do uso de bibliografias.

Consideramos, também, na perspectiva analítica de abordagem, o método materialista dialético, como forma de interpretar a realidade presente e analisar as contradições inerentes envolvendo os dois bairros, nas questões de infraestrutura, desigualdades, desenvolvimentos sociais, culturais, aspectos de lazer, educação, qualidade de vida, além da atuação do poder público para com ambos os bairros.

Dois bairros, duas realidades

Manaíra está situado na orla marítima de João Pessoa, zona de alta especulação imobiliária e abundante verticalização. Até a metade do século passado, o local destinava-se majoritariamente a veraneio das famílias de classe alta de João Pessoa e do interior do Estado, e a um reduzido contingente de populares e pescadores.

IMAGEM DA LOCALIZAÇÃO DOS BAIRROS DE MANAÍRA E SÃO JOSÉ



Fonte: vitruvius.com.br – Nov. 2013.

Anteriormente, o centro da cidade era o lugar que reunia os maiores investimentos, concentrando o comércio, instituições oficiais e as residências das camadas mais abastadas da sociedade, atraindo as obras de infraestrutura, bem como o erguimento de artérias (vias, ruas, avenidas). Esse processo urbano tem sua alteração com o movimento de valorização urbana e o conseqüente deslocamento para a orla, o litoral. As políticas habitacionais fundamentadas pelo Governo Militar, contribuíram bastante para isso e, nesse sentido, o bairro de Manaíra, em menos de 40 (quarenta) anos se transformou em um dos bairros mais edificadas e valorizadas de João Pessoa.

Na orla, onde anteriormente haviam casas de veraneio, casebres/cabanas dos pescadores, em um cenário bucólico de cajueiros e areia, o que se viu foi uma grande transformação do espaço, materializado pela construção de edifícios, a princípio simples/comuns e, atualmente, refinados, condomínios dos tipos mais diversificados possíveis. O bairro além de destinar-se à residência, dispõe de um excelente setor de comércio e serviço que lhe dá perfil destacado, se comparado a título de exemplo, aos bairros vizinhos Cabo Branco e Tambaú, também posicionados na orla. São escolas, supermercados, consultórios, lojas, farmácias, shopping centers, espaços públicos de lazer e urbanidade, dentre os quais destaca-se a praia.

Em seu processo de ocupação, com forte papel da especulação imobiliária, a renda da terra urbana no bairro Manaíra demoveu os antigos moradores, que foram gradativamente deslocados para a margem oposta ao litoral, no sentido do rio Jaguaribe.

Os limites do bairro Manaíra confortam seu sítio com a morada dos antigos moradores numa área periférica. O Rio Jaguaribe aparece como linha de transbordo de uma população que passa a identificar e conformar o bairro São José, cujas redondezas converte o Rio Jaguaribe como subterfúgio natural mais do que adequado de separação.

O papel do poder público foi de extrema importância para o delineamento da atual configuração socioespacial do bairro Manaíra, haja vista o Projeto CURA (Comunidades Urbanas de Recuperação Acelerada), um projeto do governo federal, criado com o intuito de gerar melhorias de infraestrutura urbana, patrocinado pelo Banco Nacional de Habitação e colocado em prática a partir de 1977 (SANTOS, 2002, p. 85).

O projeto CURA serviu para sobrevalorizar os lotes, passando a desconsiderar os antigos moradores que não possuíam condições de quitar os tributos ou enquadrar-se aos novos moldes de urbanidade que à época foram colocados em prática. Tratava-se de um projeto urbanístico que “oferecia uma unidade à configuração espacial do novo bairro, pautada em um estilo de vida moderno e elitista, do qual o pobre, considerado má vizinhança, não fazia parte, sendo identificado como algo externo ao bairro” (TAVARES 2012: 69).

Com cerca de 2,5 km² de área, fragmentada em 208 quadras com mais de 5.000 domicílios e habitadas por 26.400 moradores, principalmente das classes média e alta, o bairro de Manaíra conforma assim seus limites: na porção leste depara-se com o Oceano Atlântico (Praia de Manaíra), a oeste com o bairro São José e Comunidade Chatuba, ao norte e ao sul, respectivamente com os demais bairros nobres: Tambaú e Bessa. (IBGE-2010).

No utópico da cidade, o bairro de Manaíra salienta-se por duas qualidades discrepantes: área nobre, e alto índice de violência. Por ser privilegiado, torna-se bastante almejado. À estas duas realidades, poder-se-ia correlacionar o alto índice de violência a comunidade do bairro vizinho São José o que não se revela verdadeiro.

Ocorre que o bairro Manaíra tem estado em evidência nas estatísticas do CIOP (Centro Integrado de Operações Policiais da Polícia Militar da Paraíba) em terceiro lugar na escala de ocorrências criminais em João Pessoa, perdendo somente para os bairros de Mangabeira e Centro, conforme o jornal G1 Paraíba. De acordo com dados do Relatório de Indicadores Criminais no 1º Quadrimestre de 2014 da SEDES. Naturalmente se é levado a deduzir que essa posição se deve, sobretudo à sua imediação com o São José. De acordo com Tavares (2012) o

tipo de crime que predomina em Manaíra é o roubo a pessoas, seguido pelo furto de imóveis, o mesmo que se evidencia nos bairros de Mangabeira e no Centro. Para a autora, a causa está no fato de que ambos os bairros (muito opostos socioeconomicamente) representam os principais redutos de comércio da cidade.

Deve-se também citar que Manaíra não é um bloco homogêneo, mostra suas diferenças internas. Existe setores mais nobres, nas quais as propriedades são mais valorizadas, e setores medianos. Quanto mais perto da orla (e mais longe do bairro São José), mais nobre são os fixos e os fluxos, apresentando maior diferenciação entre seus habitantes e proprietários.

Quanto mais perto do bairro São José, menos nobre são os fixos, ou seja, os prédios, casas, comércios, estruturas. Da mesma forma, quanto mais perto do bairro São José, menos nobre são os fluxos, ou seja, os serviços, as conexões, intermediações de qualquer natureza, a circulação de capital.

Além do mais, difusos pelo bairro, embora com maior convergência nas áreas periféricas, evidencia-se alguns “bolsões” onde vivem antigos residentes do local, do tempo dos redutos de pescadores e populares que ocupavam originariamente o bairro. Adensando esses enclaves, acham-se humildes/reduzidas vilas de quartos e quitinetes levantadas nos fundos dos lotes para aluguéis mais acessíveis, procurados sobretudo por estudantes e trabalhadores do setor terciário que trabalham em Manaíra ou bairros mais limítrofes.

Quanto ao Bairro São José, este surgiu no fim da década de 1960, resultante de inúmeros motivos. Um deles teve a ver com a sobrevalorização do setor da orla marítima (Manaíra, Tambaú e Cabo Branco) que terminou “expulsando” antigos residentes do local. Em 1968, algumas famílias começaram a adentrar o vale do Rio Jaguaribe, situado entre a vertente da falésia e a margem oeste do bairro de Manaíra, terreno pertencente a um particular na época.

Naquele período, o Rio Jaguaribe ainda preservava sua mata ciliar, existia terreno favorável para o cultivo de pequenas roças, além de permitir a criação de animais para uso próprio ou para comercialização. Seguindo a clareira aberta para colocar postes da rede de alta tensão, muitos indivíduos de diferentes bairros de João Pessoa e também do interior do Estado, passaram a ocupar essa área, produzindo o assentamento espontâneo, a princípio com a denominação de Favela Beira-Rio.

Até 1983, quando a favela passa a se chamar Bairro São José, os habitantes foram intimidados varias vezes pelas autoridades, instigadas pelos interesses do dono das terras em possuí-las reintegradas. Enfim, no Governo de Wilson Braga, ocorreu a normalização dos lotes e a ameaça de reintegração foi desconsiderada, apesar de continuar ocorrendo neste lugar as frequentes inundações/alagamentos decorrentes do Rio Jaguaribe, os deslizamentos das barreiras, que vieram a vitimar diversas pessoas, bem como, a cada fatalidade, os projetos que propunham realocar os moradores para outro local da cidade.

Como assentamento espontâneo foi se implementando ao longo de uma faixa de terra que mede cerca de 2 Km de comprimento, apresentando uma largura variando entre 30 e 300 metros. Sua ocupação se deu necessitando de infraestrutura, planejamento, equipamentos urbanos. Seu plano é assimétrico/descontínuo, atravessado por ruas estreitas, becos, escadarias e cortiços que se alastram a partir da rua principal, Edmundo Filho, em direção às barreiras ou margens do Rio Jaguaribe. Comporta uma população de cerca 8.000 habitantes, repartidos em mais de 2.050 domicílios, registrando um dos piores indicadores de desenvolvimento humano (IDH) da cidade, com 0,345 (SEDES 2009).

Simboliza uma área de alta fragilidade/suscetibilidade social embutida, como bolsão, no enquadramento do que poderia ser uma área nobre de João Pessoa. Pode-se falar que o São José se apresenta ao tipo de:

[...] comunidades estigmatizadas, situadas na base do sistema hierárquico de regiões que compõem uma metrópole, nas quais os párias urbanos residem e onde os problemas sociais se congregam e infeccionam, atraindo a atenção desigual e desmedidamente negativa da mídia, dos políticos e dos dirigentes do Estado (WACQUANT 2005: 7).

A linha divisória natural que separa os dois bairros é o Rio Jaguaribe, um rio urbano que corta a cidade por diversos bairros, atualmente encolhido, quase integralmente assoreado e em estado avançado de degradação. Representativamente tornou-se um limite e uma fronteira: sujo, poluído, alarmante em período de chuva. “Residir depois do rio” é uma expressão que situa posições e cenários no espaço social – representa pertencimento ou exclusão.

Seus moradores normalmente ocupam funções não qualificadas, vários exercendo uma atividade no bairro de Manaíra. Encontram-se ali, todas as profissões e funções cuja renda urbana expressa uma atividade remunerada. Assim como no bairro de Manaíra, no bairro São José evidencia-se distinções internas. Há pessoas que dispõem de melhores condições socioeconômicas que outras: estudantes universitários, pequenos empresários, profissionais com nível superior, funcionários públicos, etc. O modelo dos domicílios é um sinal dessa distinção.

Há muito os habitantes têm requerido a construção de pontes mais amplas para fazer a ligação dos dois bairros. No momento presente, há somente duas, pontes: uma longe da outra, feitas de metal e que por serem bastante estreitas, permitem somente o acesso de pedestres, bicicletas e motocicletas, impossibilitando, dessa forma, o fluxo de outros veículos. Para estes, o ingresso a Manaíra requer um grande contorno.

Por mais que o bairro São José seja um local com muitos problemas de infraestrutura, apresentando condições precárias em alguns setores do bairro, diversos moradores preferem continuar residindo no bairro pois acabam por usufruir dos benefícios existentes no bairro vizinho.

Dois bairros, um espaço e as relações de interdependência

O padrão das configurações socioespaciais exibido por Elias e Scotson (2000) permite abordar acerca da desigualdade social dentro de ligações de interdependência que juntam e separam, de maneira tensa, os outsiders. Tais arranjos se representam como conceito de território. Neste território que é materialmente concreto, existem pessoas que convivem tanto em um como em outro. Muito mais as pessoas do bairro pobre, convive no bairro rico em razão do trabalho, do ganha pão. As pessoas do bairro rico e de classe média, quando não tem qualquer vínculo econômico com o bairro São José, nem querem chegar perto ou quando mantem uma relação, esta é de fraternidade, daquelas pessoas que conseguem enxergar o outro por outra lente, mais igualitária. Mas essa fração é muito pequena. O sentimento de ser pobre está presente nos moradores do bairro São José. Por vezes é até aceito como algo intrínseco a sua existência. Em outras palavras, faz parte da ideologia de diferenciação de classes, contida no cerne do modo de produção dominante.

No que se refere a categoria de outsiders, afirma os autores:

[...] o grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo outsiders as características “ruins” de sua porção pior – de sua minoria anômica. Em contraste, a auto-imagem do grupo estabelecido tende a se modelar em seu setor exemplar, mais “nômico” ou normativo – na minoria de seus “melhores” membros. Essa distorção, em direções opostas, faculta ao grupo estabelecido provar suas afirmações a si mesmo e aos outros: há sempre algum fato para provar que o próprio grupo é “bom” e que o outro é “ruim” (ELIAS 2000: 22-3).

De acordo com Neiburg (2000) os outsiders, integram um grupo heterogêneo e disseminado de pessoas unidas por laços sociais menos profundos, sujeitos tanto do bairro de Manaíra quanto do São José, que não se sentem pertencentes a um e a outro, respectivamente. Na verdade, é necessário ponderar essa declaração de Neiburg sobre o caso em estudo, uma vez que não foi verificada uma conexão profunda entre os habitantes de Manaíra – exceto numa esfera ideológica – visto que como classe alta e média, inclinam-se para estilos de vida mais restritos.

De maneira oposta, no São José existe ainda traços fortes do sentimento de comunidade, o que naturalmente, no nível representativo e emocional pode decorrer da própria circunstância de outsider que exerce na configuração. Em contrapartida, no nível social, a consequência da integração pode ter sido beneficiada pela ação das Associações de Moradores, bastante envolvidas na trajetória do bairro.

Houveram duas Associações de Moradores no Bairro. A primeira denominou-se Associação de Moradores União Beira-Rio, instituída em 1980. Em razão de interesses e conflitos políticos estimulados pela política assistencialista e eleitoreira do Governo do Estado daquele período, desempenhados pela Primeira-Dama do Estado (Lúcia Braga), foi gerada a Associação Comunitária do Bairro São José. Ambas associações seguiram operando simultaneamente até 2000, quando foram agregadas passando a se chamar Associação Unificada do Bairro São José.

Entre os dois grupos instituiu-se um obstáculo emocional, onde o medo, o ceticismo e o preconceito predominaram. Segundo Elias:

[...] mais do que qualquer outra coisa, talvez, essa barreira afetiva responde pela rigidez, amiúde extrema, da atitude dos grupos estabelecidos para com os grupos outsiders – pela perpetuação do tabu contra o contato mais estreito com os outsiders, geração após geração, mesmo que diminua sua superioridade social ou, em outras palavras, seu excedente de poder (2000: 25).

Na segregação socioespacial, o contato entre um morador de Manaíra e um do São José é marcado pelo medo. Ainda que seja um medo impalpável, resta em destaque o obstáculo emocional que tem por finalidade impedir a contaminação anômica (ausência de organização, desordem). Estes contatos, de algum modo, são vivenciados como arriscados, visto que a perspectiva de contato mais íntimo com os moradores do São José criaria algum tipo de incômodo (ELIAS 2000: 26).

A interação, numa perspectiva teórica que possibilita a compreensão do modo como os indivíduos interpretam os objetos, os fixos e as outras pessoas com as quais interagem e como tal processo de interpretação conduz o comportamento individual em situações específicas, nos ensina que nenhum contato entre indivíduos se dá integralmente no vazio do desconhecido.

Nessa seara Lahire (2004) ressalta o valor do contexto. Ele opera como ativador e inibidor de disposições. Disposições para agir, refletir, sentir, etc. Abordando os bairros de Manaíra e São José como uma configuração, observamos que todos os agentes se conhecem de modo prévio, mesmo que não tenham tido nenhum contato isolado entre si. Quando no quadro de um encontro se sabe ou se desconfia que um é do São José e outro de Manaíra, certas disposições são acionadas e outras bloqueadas. Se uma pessoa bate à porta de uma outra pessoa em Manaíra procurando emprego, o fato de aquela residir no São José, já é pretexto para que algumas disposições se inibam e outras se remodelem, e na soma dessas disputas internas do sujeito, o ato se desenrola como uma recusa, mesmo que haja a necessidade do trabalhador.

Estes choques de realidades opostas seguem uma prática diferente da que se observa quando os habitantes de Manaíra se encontram com outros habitantes de Manaíra e os do São José com outros habitantes do São José. Tendo como exemplo, no interior do Shopping Manaíra (situado ao lado do bairro São José), os frequentadores (na maior parte pessoas de maior renda) não se sentem ameaçados ou perturbados, uma vez que presumem estar numa circunstância de grupo dominante – um tipo de enclave consolidado. No entanto, se a circunstância é o da rua, das praças, praia ou outros espaços públicos, o medo é manifestado naturalmente, pois a presença dos moradores do São José torna-se iminente e descontrolável.

Foi possível diferenciar alguns tipos básicos de segregação socioespacial (envolvendo indivíduos de ambos os bairros) ao longo da pesquisa.

- Entre indivíduos conhecidos e conectados por relações profissionais, seguindo, por conseguinte, certos modelos de etiqueta e discriminação.
- Encontros não planejados/ocasionais entre desconhecidos, dando-se em lugares públicos, espaços particulares (quando uma pessoa bate a porta reivindicando alguma coisa), espaços particulares com função pública, shoppings, supermercados, igrejas, etc.
- Encontros intensos – assaltos, roubos, assassinatos, estupros, etc.

Por via de regra, todos os tipos são tocados pelo obstáculo emocional. Desse modo, estar na presença do outro, provoca sentimento (ou disposições) de ceticismo, medo, vergonha e até mesmo nojo. Destes, o ceticismo e o medo são mais naturalmente destacáveis quanto aos habitantes de Manaíra ao se depararem com os habitantes do São José. Já em relação a estes, ao se depararem com os de Manaíra, pendem a transparecer a vergonha, e em determinadas situações, animosidade, o que, todavia, não é uma constância/assiduidade.

Salienta-se que o sentimento de medo da violência, bem como o ceticismo, são fenômenos que atravessam a vida urbana de forma geral. No caso em estudo, todavia, essas variáveis se fomentam pelo bairro São José como elemento da configuração. Também não se pode julgar que o medo e o ceticismo não se propaguem na relação entre habitantes do São José entre si, do mesmo modo entre os de Manaíra.

Como se ativam o ceticismo e o medo? Aqui, tudo leva a acreditar que o fundamento de que algo é nomeado após uma parte ou subconjunto dele, ou após uma característica

limitada, que em si não é necessariamente representativa do todo. Citado por Elias e Scotson, por certo apenas uma característica exerce um papel relevante, apesar de não ser o único.

Desse modo, as qualidades negativas de uma minoria que habita no bairro São José são difundidas e transferidas naturalmente para todo aquele que se identifica como habitante do São José. Através desse recurso discursivo – que consideramos ir ao encontro do que Caldeira denomina “discurso do medo” como método para configurar novamente a segregação (2011: 9) – “cria-se uma imagem que tem como ponto de apoio uma minoria que vive em desemprego quase contínuo e recurso permanente à ajuda social, desorganização conjugal e anomia sexual, fracasso escolar e encarceramento, tráfico e consumo de drogas, delinquência de rua e criminalidade violenta” (WACQUANT, 2005: 96).

Se, por um lado, os habitantes do bairro de Manaíra se vangloriam na exposição oral difundida pela mídia e nas redes de comunicação local, a contrapartida, isto é, a maior parte dos moradores do bairro São José, que não se enquadram no conjunto dos “desqualificados” é silenciada. Quanto à Manaíra, os efeitos de sentido sucedem em direção oposta: ocultam-se os exemplos ruins e exaltam-se os bons.

A representação do bairro São José (negativa) e a representação do bairro de Manaíra (positiva) acham nos meios de informação um intenso mecanismo de sua propagação. Fazendo análise de reportagens e textos jornalísticos divulgados através da mídia que se referem ao bairro São José, evidencia-se que a maioria delas se aplica a temas policiais: tráfico de drogas, assaltos, roubos, assassinatos, violência, etc. E comumente mantendo correlação com o bairro Manaíra.

Para os habitantes de Manaíra, a rua e os espaços públicos retratam situações temerárias/perigosas. O medo sustenta-se pelos informes de casos de roubo, furtos, estupros, e até assassinatos. Para eles, o “bandido” tem tendência a ser representado como indivíduos do sexo masculino, preferencialmente jovem, vestido e movendo-se de acordo com trejeitos corporais específicos que se reconhece como proveniente de morador do bairro São José. O medo se acentua se esta figura estiver em grupo, circulando em bicicletas. É evidente que este medo se tornou algo disseminado na cidade, contudo, no caso em estudo, ele remove da configuração dos bairros de Manaíra e São José, suas feições e representações.

Diante deste cenário, os habitantes do bairro São José, em várias situações, tendem a esconder sua proveniência. A título de exemplo, um hábito de silenciamento ou disfarce toma forma se alguma pessoa lhes pergunta o endereço. Como consequência da pergunta, alguns se apoiam de frases indiretas: “resido perto do shopping”; “daqui a 5 minutos”; “resido em Manaíra”.

Mesmo tendo ciência da discriminação e dos obstáculos que separam os dois bairros, os moradores do São José necessitam dirigir-se ao bairro Manaíra à procura de equipamentos e serviços que seu bairro não oferta. Seus filhos frequentam escolas públicas em Manaíra, como por exemplo, o Alice Carneiro e Nazinha Barbosa, que ficam situados próximo ao bairro São José, e as principais reclamações contra eles foram registradas entre os vizinhos das escolas. Para estes, os alunos são “baderneiros”, “delinquentes”, “causadores de problemas”.

No ambiente das escolas, não se tem registro e repercussão sobre a questão da segregação, pois como pôde-se reparar, embora estes estabelecimentos de ensino fiquem situados em Manaíra, recebem uma clientela que é majoritariamente do bairro São José e da Comunidade Chatuba.

O uso de espaços de lazer e urbanidade/civilidade, praças, praia por habitantes do bairro São José também é bastante constatada. Algumas praças são mais procuradas que outras, comumente, as que estão situadas mais próximas do bairro. Uma delas chega a exibir elementos relevantes para que seja vista como um “pedaço” – Magnani (2000) dos habitantes do bairro São José, sendo por esse motivo, evitada por habitantes de Manaíra.

Trata-se da praça Desembargador Sílvio Porto. É verdade que existe presença compartilhada, mas os residentes do Manaíra tendem a se distanciar, fazendo uso de setores diferentes da praça. Em geral, os moradores de Manaíra utilizam mais essa praça com o propósito de caminhar e passear com seus cachorros.

Em relação aos usos compartilhados, é importante salientar os contraexemplos: determinadas situações no qual os habitantes de ambos os bairros praticavam esportes conjuntamente, como por exemplo, futebol ou um cenário no qual crianças pequenas de ambos os bairros compartilham a mesma caixa de areia. Mas em relação aos contraexemplos, deve-se mostrar as observações. Na primeira situação, não se estabelece de forma alguma relação de maior aproximação entre os esportistas, nenhum tipo de afeto/simpatia. Acabando o jogo, cada um volta ao seu lugar de moradia. Na segunda situação, as crianças de Manaíra geralmente estão acompanhadas por babás, ao invés dos pais. Mas existem relatos em que os pais proíbem a brincadeira com crianças do bairro São José.

No que diz respeito aos ambientes religiosos que, hipoteticamente estariam mais suscetíveis a atenuação da barreira, também se observou os mesmos procedimentos de afastamento e evitamento/esquivamento verificados em outros locais, mesmo que levemente enfraquecidos pelo discurso religioso do respeito e igualdade entre os fiéis. Foi registrado no bairro de Manaíra, três Igrejas Neopentecostais, seis Pentecostais, uma Igreja Católica (São Pedro Pescador) e um Centro Espírita Kardecista (Os Essênios).

Nestas igrejas, a maior presença de habitantes do São José se dá nas três Igrejas Neopentecostais por acreditar que uma das razões para isso seria a proximidade com o bairro, além da tendência que esta denominação exhibe plenamente de atrair indivíduos de camadas populares. Na Igreja Católica São Pedro Pescador, dificilmente verifica-se a frequência dos moradores do São José, exceto quando ocorre distribuição de cestas básicas nas datas previstas. Então os moradores do São José que estão cadastrados, deslocam-se até a Igreja para receber os donativos.

Outro elemento essencial que deve ser referido nesta discussão em relação a segregação urbana é o processo de realocação de determinados habitantes do bairro São José para o bairro Manaíra, o que gerou insatisfação entre uma parcela dos habitantes de Manaíra, principalmente os que residiam perto da zona limítrofe, próximos ao bairro São José.

A Comunidade do bairro São José possui graves problemas estruturais, condições precárias, falta saneamento básico. Sendo também uma área de grande risco ambiental, ocasionando em alguns setores deslizamentos de terra, além de alagamentos nas ruas do bairro devido a questão da ausência de drenagem. Dessa forma, moradores dessas áreas foram retirados e realocados em um conjunto de prédios com diversos apartamentos, a partir da margem do rio (zona limítrofe).

Então a Seplan – Secretaria de Planejamento de João Pessoa, informou à época, que era responsável pelo projeto de revitalização do São José, mas que não era a responsável pela execução das obras, que ficou a cargo da Seinfra – Secretaria de Infraestrutura e da Semhab – Secretaria de Habitação. Ainda de acordo com a assessoria da Seplan, foram empenhados 220 milhões de reais no plano de revitalização do bairro São José, com os recursos dos programas Minha Casa Minha Vida e Programa de Aceleração do Crescimento – PAC do Governo Federal, conforme matéria do Jornal G1 Paraíba.

Dessa forma, a Prefeitura de João Pessoa garantiu a urbanização de uma área de aproximadamente 75 mil metros quadrados, com a construção de 1.024 apartamentos, que receberam cerca de 4.100 pessoas. A revitalização ainda previa obras no Rio Jaguaribe no trecho que corta o São José. Esse projeto foi entregue em meados de 2018.

CONCLUSÃO

Nas relações que se determinam entre os habitantes de ambos os bairros, seguramente, a diferenciação encontra-se em primeiro plano. Foi tentando demonstrá-la, a começar pelo jogo feito com base em análises, considerando duas categorias principais e “segregação urbana” e “barreira emocional”. A primeira com teor analítico e a segunda decorrente da observação. A diferenciação, como foi demonstrada, não exclui o contato, determinado tipo de dependência, troca de informações e demais processos socioespaciais que excedem os limites territoriais.

Por este ângulo, os contatos e trocas variadas entre os habitantes dos dois bairros, sustentam os processos de exclusão e pertencimento de modo simultâneo, sem, todavia, extinguir, de ambas as partes, as marcas de diferenciação, ou seja, sem que a “barreira emocional” se anule. Entre os grupos, delineiam-se “relações sociais estáveis, persistentes e frequentemente vitais que não apenas atravessam esses limites, como também muitas vezes baseiam-se precisamente na existência de status étnicos dicotomizados” (BARTH 2000: 26).

Os choques de realidades opostas são fenômenos habituais e podem assumir modelos distintos, dependendo da motivação que apresentem, seja um certo evitamento de um “contato misto”, na afirmação de Goffman, entre um indivíduo “normal” e um “favelado” e um integrante da alta sociedade. E todos podem ser enxergados com uma configuração do padrão “alta sociedade” (Manaíra) e “baixa sociedade” (São José).

Aqui foi exibido somente um delineamento inicial do que se consegue extrair da realidade. Este fenômeno de segregação urbana está em evidência e suas manifestações, oras palpáveis, oras subliminares e sutis continuam a ocorrer. Algo que pode ser sentido, praticamente tocado, na relação entre os habitantes, denunciada nos equipamentos de segurança que protegem os prédios de Manaíra, nas informações publicadas pela mídia, nas redes sociais, nas utilizações compartilhadas dos ambientes de lazer e urbanidade/civilidade, nas escolas, nos recintos religiosos, enfim, em cada ponto da qual o enredo da configuração chega a abranger, a incorporar os sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTH, Fredrik. 2000. O Guru, O Iniciador e Outras Variações Antropológicas. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. 2011. Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo. 3. Ed. São Paulo: Editora 34; Edusp.

CARNEIRO, Krystine. Mangabeira é bairro mais violento de João Pessoa, diz relatório da Seds. G1 Paraiba, 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2014/06/mangabeira-e-bairro-mais-violento-de-joao-pessoa-diz-relatorio-da-seds.html> . Acesso em: 26/07/2021.

DUARTE, Juliana de Souza. 2014. Ambiente Construído e Vitalidade Urbana: avaliação de três praças do bairro Manaíra. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, UFPB.

ELIAS, Nobert. 2000. "Introdução". In: ____; SCOTSON, J. Os Estabelecidos e os Outsiders. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. pp. 19-50.

ELIAS, Nobert. 1994. O Processo Civilizador: uma história dos costumes. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

FERNANDES, Lucelena Muniz. 2004. A Segregação Sócio-Espacial em João Pessoa-PB: o caso do bairro São José. Dissertação de Mestrado em Sociologia, UFPB.

GOFFMAN, Erving. 1980. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

GOFFMAN, Erving. 1985. A Representação do Eu na Vida Cotidiana. 9 ed. Petrópolis: Vozes.

LAHIRE, Bernard. 2004. Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed.

LEFEBVRE, Henri. (tradução de Rubens E. Frias). O Direito à Cidade. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.

LEFEBVRE, Henri. (tradução de Sérgio Martins). A Revolução Urbana. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LOJKINE, Jean. O Estado Capitalista e a Questão Urbana. Tradução de E. S. Abreu. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2000. "Quando o Campo é a Cidade: fazendo antropologia na metrópole". In: MAGNANI, J. G. C. e TORRE, L. L. (Orgs.) Na Metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: EDUSP. pp. 12-53.

NEIBURG, Frederico. 2000. "Apresentação à edição brasileira". In: ELIAS, Nobert; SCOTSON, John L. Os Estabelecidos e os Outsiders. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. pp. 7-11.

RESENDE, André. Rio separa bairro mais pobre de João Pessoa de um dos mais ricos. G1 Paraíba, 2015. Disponível em: < <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/08/rio-separa-bairro-mais-pobre-de-joao-pessoa-de-um-dos-mais-ricos.html>>. Acesso em: 26/07/2021.

SANTOS, Ednilza Barbosa dos. 2002. Os Pequenos Centros Comerciais e a (Re) Organização do Espaço Urbano: o caso do bairro Manaíra em João Pessoa-PB. Dissertação de Mestrado em Geografia, UFPE.

TAVARES, Lia. 2012. Arquitetura da (In) Segurança: estudando relações entre configuração espacial, artifícios de segurança e violência urbana no bairro Manaíra, João Pessoa, Paraíba. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, UFRN.

VIEIRA, Alexandre Bergamin. O Lugar de Cada Um: Indicadores Sociais de Desigualdade Intraurbana – Presidente Prudente: [s.n], Dissertação de Mestrado, 2005.

WACQUANT, Löic. 2005. Os Condenados da Cidade: estudos sobre marginalidade avançada. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan.